

O IDEAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA



DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS

Trez mezes..... 180
Com estampilha..... 200

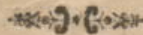
REDACTORES

G. Bello, M. de Mendonça e G. Oscar

REDACÇÃO

Rua de Santa Maria

IDEAL



TRADUZ-SE na evolução historica da humanidade um proposito intimo de attignir na vida o gran supremo da felicidade. Parece que um arrendimento tardio estimulou á reconquista do Eden primitivo os filhos degenerados dos primeiros paes. Deslumbramo-nos á vista das expansões do contentamento alheio, e até chegamos a invejar as prosperidades que nos são extranhas.

Cada uma das grandes maravilhas do Cosmos, fazendo-nos sentir e reconhecer a nossa fraqueza organica e o pouco alcance das nossas faculdades, mais accende e inflamma o nosso espirito no prosequimento dos seus designios rissonhos.

Este phenomeno psychologico explica sufficientemente o labor das gerações no decurso dos tempos, e consagra por seculos a conversão objectiva das belezas sonhadas.

Um sorriso mysterioso anima algumas vezes no leito em que dormem, o pensador genial e o religioso contemplativo.

E' que elles se vêem n'esses momentos de serenidade involuntaria, na posse plena d'um estado correspondente ao seu ideal formoso.

Archimedes, quando emfim vio claro na physica dos corpos mergulhados, não poude permanecer mais tempo na tina em que tomava banho e sahio, correndo e gritando pelas ruas da cidade: «eureka» achei!

Não fora movido pelo delirio dos sentidos, nem tinha tido visagens de imaginação alienada, impellira-o o gôso animico d'uma descoberta scientifica, e a sciencia era o seu ideal venerado.

Ideal! palayra profunda e vibrante; enlévo de philosophos, subtilissima e perenne inspiração de poetas, è portentosa e sublime a tua ac-

ção magnetica nas creações do genio, e vivificante como a luz do sol a tua luz imponderavel, nunca extinta e sempre latente.

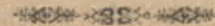
As paginas do registo immortal dos feitos humanos, tecem corôas immarcesciveis aos legitimos heroes da civilisação dos povos, que só são aquelles que souberam passar ao campo das realidades o ideal da fortuna gloriosa, arrancando segredos á natureza e abrindo largos horisontes ao progresso.

Um dos mais ingentes florões do Ideal, a sua irradiação mais pura, consiste em levar as sociedades á paschoa da paz e á solidariedade dos affectos mutuos.

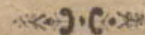
Cooperar para a pacificação universal é a tarefa mais honrosa que alguém possa emprender, e um testemunho irrecusavel de perfeito equilibrio intellectual.

Seja este o ideal de todos nós, e a ventura abençoada dos nossos filhos.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO



Passou no dia 9 do corrente o anniversario natalicio do infatigavel archeologo, notavel sabio e prestimoso cidadão, Dr. Francisco Martins Sarmento.

A Sociedade Martins Sarmento, para dignamente commemorar o anniversario natalicio d'aquelle distinctissimo cavalheiro, e tambem o da sua fundação, realisou no seu edificio uma solemne sessão, em que se distribuiram premios de livros e pecuniarios aos alumnos de maior applicação d'esta cidade e concelho, e onde fallaram primorosa e eloquentemente alguns cavalheiros de reconhecida intelligencia.

A' illustrissima direcção d'aquella casa, agradecemos o convite.

Batendo a estrada

ELLES corriam ambos sobre a estrada, ebrios de amor e de ventura, loucos no entusiasmo da sua liberdade, como um terno casal de rolas bravas.

Eram noivos, iam casar-se no anno seguinte, e a lhanza da sociedade germanica, desfogada de preconceitos estultos, deixava-os correr juntos e sós, nas suas bicicletas, permittia-lhes enfim amarem-se livremente.

Ella era loura e branca, legitima filha da Saxonia, branca e loura como o não seriam as madonas de ha dois seculos. E os seus olhos azues, de bello anil, pareciam reflectir o ceu longinquo do meio dia, d'orde a brisa lhes trazia então perfumes apavados de rosaes.

Elle era tambem alvo, levemente atrigado pelo sol, mas o cabello espesso e ondeado era castanho escuro, quasi preto, encanto inapreciavel e rarissimo n'aquella região de ruivos. Laureado na Universidade de Leipzig, devia acabar no anno seguinte um curso brillantemente sustentado. Estava em sua casa de Chemnitz gosando as ferias da Paschoa.

O mez de abril na Saxonia è tao encantador como em toda a parte.

Por isso elles voavam arrebatados de bosque em bosque, de balseado em balseado, trocando effusivamente os pensamentos suggeridos, manifestando com entusiasmo a sua admiração à natureza, o seu reconhecimento a Deus.

Era surprehendente de belleza natural o canto do bosque de betulas e abetos onde tinham parado. Corria um riacho estreito, que, despenhando-se no salto de um rochedo, formava n'aquelle ponto uma cascata irisada de cujo embate espadanavam myriades de diamantes.

Arroubado pelo encanto do lugar, o par feliz sentou-se na relva espessa e fofa. As suas mãos entrelaçaram-se com amor, enquanto os seus olhares mergulhados um no outro, sorriam mutuamente volupias de caricias ardentes de paixão.

E os seus bustos graciosos, curvados pouco a pouco n'uma attracção indissivel, cingiram-se por fim n'um estreitado abraço. E os seus labios frementes e anciosos, collando-se loucos de phrenesi, beberam, n'um beijo só, mil beijos de paixão.

De subito, elle ergueu-se n'um gesto arrebatado, sacudindo com energia a sua cabeça esbelta, suspirou profundamente, como que a despedir-se d'um sonho que mentia; enquanto ella, turvada de rubor, não se atrevendo a olhal-o, parecia envergonhada por ter tambem sonhado.

Elle ajudou-a a levantar-se enlevalo n'aquelle pudor gentil, mino de castidade, beijou-lhe respeitoso a mão de fada, humilhando-se, supplice, a um perdão de amante, e partiram velozes, caminho da cidade.

Eles corriam ambos sobre a estrada, ebrios de amor e de ventura, loucos no entusiasmo da sua liberdade, como um terno casal de rolas bravas, voando para o ninho.

FELIX BERMUDEZ.

O que tu és

Tu és o cofre onde o amor se encerra
Tu és na terra um despertar d'aurora
Tu és a musa que meu éstro inspira
Tu és a lyra que dedilho agora.

São taes os dons de divinal belleza
Que a natureza reuniu em ti
Que o deus Amor, ao ver-te assim tão bella
Fez de ti cella e encerrou-se ali.

Tu és o cofre onde o amor se encerra
Tu és seu templo e seu altar na terra.

Quando depois de noite tormentosa
Vem vagarosa, n'um sorrir fagueiro
Mostrar-se a aurora de manhã florida
Vejo-te qu'rida n'esse alvôr primeiro.

Tu és na terra um despertar d'aurora
És a alegria do infeliz que chora.

Se ás vezes vou a solidão buscar
Para cantar o meu amor ardente
E's tu da musa o doce ciciar
Que me vem dar inspiração á mente.

Tu és a musa que meu éstro inspira
És o ideal da mente que delira.

Tu és a lyra cujo som divino
Traduz um hymno que só diz: amor!
Vem pois oh bella com teu doce canto
Dar riso ao pranto, e alegria á dor.

O QUE É UMA MÃE

EVEREIRO corria com as chuvas e frio próprios da época.

N'uma d'essas tardes de furta-cores, a pequenita encantadora Julia estava na janella rindo e gritando, e contemplar as suas companheiras que lá fora se divertiam.

Como o seu mais ardente desejo fosse ir ter com ellas, correu para onde estava sua mãe e, com voz avariada e moega, assim lhe fallou:

—Mãe! Mãesinha!... Eu queria ir brincar...

—Não, minha menina, não vaes, que pôde chover e o Senhor raliar...

—Ah... deixa-me ir, mãesinha, que hoje não chove mais nem o Senhor ralia... Deixa-me ir, que tu dou-lhe muitos abraços?...

—Pois sim vaes, minha tolinha, vaes... mas, se chover, foje logo para casa, sim?

—Sim, mãesinha, sim!

E a linda Julia, saltando de contentamento, dirigiu-se rapidamente para junto de suas companheiras, enquanto sua mãe ficava lidando nos serviços caseiros.

Depois de muitos folguedos e divertimentos, próprios d'aquella encantadora e alegre idade, Julia foi pelos campos fora com duas pequerruchas como ella.

Em poucos momentos, espessos nimbos escureceram a atmospheria e principiou de cair granizo em grande quantidade, levantando-se ao mesmo tempo forte ventania.

A pobre mãe, sobresaltada, vem á janella e não vendo sua filhinha, sem fazer caso da chuva nem do vento, desce a procural-a por aqui e por alli, mas em vão.

N'um desespero doloroso, banhada em lagrimas, com uma voz em que se consubstanciava toda a ternura e amor d'uma mãe, invoca aquella que é o amparo dos desgraçados e a consolação dos afflictos:

—O' Virgem Santissima! O' Virgem Mãe de Deus!... Valei-me, dai-me a minha querida filhinha!...

E, quando estava n'esta commovedora angustia, uma rapiriga, que voltava a toda a pressa da fonte, vendo-a n'aquelle estado, e adivinhando a causa da sua inquietação, perguntou-lhe:

—Quer a menina, sr.^a Angela? Olhe que ella está toda molhadinha lá em baixo, na casa da madrinha!

Que alívio, que consolação, que alacura para o coração da boa mãe trouxeram estas palavras!...

Com a alma a transbordar de prazer e gratidão para Aquella que attendera os seus fervorosos rogos, levanta os olhos ao céu e exclama bem alto:

—Bendita sajas, ó Mãe do Salvador!

Uma mãe é assim.

Guimarães, 11 de Março de 1893.

J. Pereira de Lima.

A rosa e a violeta

N'UM canto delicioso da terra que a primavera tornára um paraizo, em que o murmurio das aguas e o chilrear dos passarinhos enviam como que um tremulo e mavioso hymno ao Deus da criação, uma roseira erguia altiva as hastes verdejantes servindo de pedestal á mais linda rosa que os olhos profanos teem visto. As petalas avelladadas d'um vermelho escuro, pareciam recortadas no macio estofo d'um manto real. O seu perfume era tão forte e voluptuoso que as abelhas procurando sorver-lhe o delicioso mel cahiram a torpecidas não podendo attingir o calice namorado; milhares de borboletas batendo as doiradas azas voltejavam loucamente ao redor d'ella sem ousar sequer profanar com um beijo aquelle ideal da formosura. Servindo de tapete á florea cortezá, escondido entre folhagem escura e triste vejetava um pé de violetas: a suavidade do seu halito de virgem perdia-se no embriagante e lubrico aroma da purpurina rosa. Ninguém reparava nas humi'des florinhas, que esquecidas de todos, assistiam resignadas e obscuras ao triumpho completo da sua rival.

Uns noivos procurando a solidão para ninguém perturbar a sua morna felicidade, passeavam n'aquelle sitio aprasivel. A desposada vendo a linda rosa, que parecia sorrir do seu throno de verdura, exclamou cheia de assombro:

—Como é bella! Desejava possuil-a.

O noivo correu a cumprir-lhe o primeiro desejo, mas os agudos espinhos rasgavam-lhe desapidadamente as mãos, enquanto a orgulhosa flôr parecia gosar a sua victoria.

—Não, não te quero! exclamou elle. Irias magoar o nevado seio da minha formosa companheira. E's linda, não posso negal-o, mas prefiro á tua esplendida belleza a modesta violeta que me beija os pés!

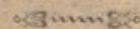
E curvando-se, procurou entre a espessa folhagem as singellas flôres, formou com ellas um perfumado ramo e foi depol-o nas mãos tremulas da esposa.

No dia seguinte, ao passearem no mesmo lugar, viram o chão juncado de petalas vermelhas, já desmaia-das e cobertas de poeira. Durante a noite o nordeste desfolhára sem dó aquella belleza ephemera, arrastando-a, envelhecida e sem aroma, como pequenas manchas de sangue, sobre o sólo arido, ao caminho do esquecimento.

Sobre o casto seio da gentil desposada repousava ainda cheio de frescura e perfume, como uma promessa de suprema felicidade o ramo das mimosas violetas!

Porto, 1893.

E. EDUARDA.



As solteiras desesperam-se por não serem casadas, e os maridos por sel-o.

